

A trajetória da extensão universitária no Instituto de Nutrição da UERJ no período de 1990 a 2014

The trajectory of the university extension in the Institute of Nutrition of UERJ from 1990 to 2014

Maria Thereza Furtado Cury¹, Inês Rugani Ribeiro de Castro², Luciana Maria Cerqueira Castro³

1 Professor adjunto do Departamento de Nutrição Social do Instituto de Nutrição da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Brasil. E-mail: mtcury@gmail.com

2 Professor associado do Departamento de Nutrição Social do Instituto de Nutrição da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Brasil. E-mail: inesrrc@uol.com.br

3 Professor associado do Departamento de Nutrição Social do Instituto de Nutrição da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Brasil. E-mail: lucaastro@globo.com

Recebido em: 15/08/16 | Aprovado em: 20/02/17

DOI: 10.12957/interag.2016.25111

Resumo

A institucionalização da extensão universitária é uma realidade, mas pouco se conhece sobre seu desenvolvimento nas unidades acadêmicas. Este trabalho tem por objetivo apresentar a trajetória da extensão universitária no Instituto de Nutrição da UERJ (INU) no período de 1990-2014. Realizou-se estudo historiográfico, baseado em pesquisa bibliográfica e na análise dos documentos coletados em arquivos e registros institucionais da UERJ. Para a caracterização dos 73 projetos identificados, consideraram-se as categorias: equipe do projeto, área temática, palavras-chave, abrangência geográfica, parcerias, situação curricular. No período estudado, houve ampliação do corpo docente envolvido, da carga horária alocada em atividades extensionistas, do número de projetos vigentes a cada ano, de sua abrangência geográfica e do público por eles atingido. As áreas temáticas mais recorrentes foram saúde e educação, convergindo com os campos clássicos de atuação da Nutrição e com as vertentes tradicionais da extensão universitária. Destacaram-se os temas ligados ao cuidado em saúde, com ênfase em agravos em grupos populacionais específicos, à promoção da saúde e à educação/ formação. As parcerias mais frequentemente estabelecidas se deram internamente à UERJ, na área da saúde e com instituições públicas. Somente em uma minoria dos projetos observamos articulação com o currículo

Abstract

The institutionalization of the university extension is a reality, but little is known about its development in academic units. This paper aims to present the history of the university extension in UERJ's Nutrition Institute (INU) in the 1990-2014 period. A historiographical study based on literature review and analysis of the collected documents in archives and institutional records of UERJ was performed. For the characterization of the 73 identified projects, the following categories were considered: project team, subject area, keyword, geographical coverage, partnerships, curriculum situation. During the period that was analyzed, there was an expansion of the teaching staff, of the allocated hours in extension activities, of the number of projects in effect each year, of its geographic scope and of the public they reached. The most frequent thematic areas were health and education, converging with the classic fields concerning Nutrition performance and the traditional aspects of the university extension. The issues related to health care, with emphasis on diseases in specific population groups, health promotion and education/training stood out. The most frequently established partnerships were given internally to UERJ, in health care and in public institutions. We only observed a connection with the undergraduate curriculum in the minority of the projects, and we only observed a relation with research in part of them. The extension of the trajectory in INU are challenges for us: we have to advance the inclusion extent in the

de graduação e, em parte deles, relação com pesquisa. A trajetória da extensão no INU nos mostra como desafios: avançar na inserção da extensão nos projetos pedagógicos do curso de graduação; traduzir, na prática, o princípio da indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão; e ampliar o escopo de parcerias com outros setores da universidade e entidades da sociedade civil.

Palavras-chave: Extensão Universitária; Instituto de Nutrição; Análise Documental.

Área temática: Saúde

Linha de extensão: Nutrição.

undergraduate course's educational projects; we have to translate, in practice, the principle of indivisibility between teaching, research and extension; and we have to expand the scope of partnerships with other sectors of the university and of the civil society.

Keywords: *university extension; Institute of Nutrition; Documental Analysis.*

Introdução

A extensão universitária vem se institucionalizando nas universidades públicas brasileiras através das várias ações do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX).^{1,2} Entre as iniciativas desenvolvidas por esse Fórum cabe destacar a formulação do Plano Nacional de Extensão Universitária, publicado em 1999. Este apresentou as áreas temáticas da Extensão e teve como metas, dentre outras, a criação de um programa de fomento e de bolsas, a consolidação do Sistema de Informações, a inclusão das instituições públicas de ensino superior à Rede Nacional de Extensão (RENEX); a elaboração de um sistema de avaliação em parceria com o MEC e a institucionalização da participação da extensão no processo de integralização curricular.²

Ao analisar a trajetória da Extensão, sua estruturação e institucionalização, verifica-se que algumas das metas apontadas no plano vêm sendo trabalhadas. Um primeiro exemplo foi a iniciativa de organização das atividades extensionistas no país como um todo por meio da consolidação de um sistema de informações (SIEX/Brasil).^{2,3} Outro exemplo foi a perspectiva de adoção da extensão universitária como componente de avaliação da própria universidade através de um sistema de indicadores que possam demonstrar seu compromisso tanto com a sua própria transformação quanto com a da sociedade.^{2,3} O terceiro exemplo são os esforços de articulação com outros setores da sociedade, aí incluídas as instâncias governamentais, para ações conjuntas e participação

nas discussões, elaboração e execução de políticas públicas onde a cidadania e o cidadão sejam as referências.^{2,3}

É inegável, portanto, o processo de institucionalização da extensão universitária nas universidades. Todavia, pouco se conhece sobre seu desenvolvimento no âmbito das unidades acadêmicas. São, portanto, oportunos estudos que registrem, sistematizem e analisem esse processo em diferentes realidades. Nesse sentido, o presente estudo tem por objetivo analisar o desenvolvimento da extensão universitária no Instituto de Nutrição (INU) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) no período de 1990 a 2014.

O INU é uma das 33 unidades acadêmicas que compõem a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Tem suas origens em 1944. Foi incorporado à UERJ em 1975 como departamento da Faculdade de Enfermagem, tornando-se uma unidade autônoma em 1984. É composto por três departamentos, sete núcleos e oito laboratórios. Com relação à Pós-Graduação lato sensu, o INU conta, desde 2001, com o Curso de Especialização em Terapia Nutricional. Além disso, apoia o Programa de Residência em Nutrição, Coordenado pela Divisão de Nutrição do Hospital Universitário Pedro Ernesto. Em 2008 iniciou o Programa de Pós-Graduação stricto sensu (Mestrado, ampliando para Doutorado em 2010) em Alimentação, Nutrição e Saúde. Conta hoje com 66 docentes, 18 técnico-administrativos, 352 estudantes de graduação, 22 estudantes de pós-graduação lato sensu e 64 estudantes de pós-graduação stricto sensu (26 de mestrado e 38 de doutorado).⁴

Percurso Metodológico

Trata-se de um estudo de caráter historiográfico, baseado em pesquisa bibliográfica e documental^{5,6}, apoiado na análise de documentos coletados em arquivos e registros institucionais da UERJ. O conceito de documento é amplo, pois, além de textos escritos, podem ser fontes de pesquisa filmes, vídeos, fotografias, gravuras, desenhos, produções artísticas e testemunhos registrados, fontes de informação cujo conteúdo permita responder perguntas e elucidar questões.^{5,6}

Este trabalho está baseado em pesquisa documental, que SÁ-SILVA e colaboradores (2009)⁵ definem como a utilização de métodos e técnicas voltadas para obtenção, compreensão e análise de documentos de variados tipos, usando metodologias adequadas para analisar um problema e concluir uma investigação científica, uma pesquisa.

O processo da pesquisa documental foi feito em três etapas: 1 - identificação de fontes e obtenção de documentos sobre a institucionalização da extensão universitária na UERJ e a atividade extensionista no INU; 2 - organização do material coletado; 3 - procedimentos de análise divididos em: sistematização do histórico de institucionalização da extensão universitária na UERJ e caracterização do conjunto de projetos desenvolvidos no INU até 2014.

No presente estudo, numa perspectiva histórica, buscamos traçar a trajetória da extensão universitária do INU no período de 1990 até 2014. A escolha deste período se deu em função de alguns fatos, como o surgimento do primeiro projeto de extensão do INU formalmente registrado, identificado em 1990, e as ações de institucionalização da extensão universitária na UERJ, que se fortaleceram a partir da década de 1990. Optamos por privilegiar a análise dos projetos de extensão porque é basicamente por meio deles que o INU tem concretizado sua vocação extensionista.

Complementando a análise do histórico da extensão universitária no INU, além das atividades de extensão propriamente ditas (aí incluídos os projetos), também mapeamos o crescimento e qualificação do corpo docente deste Instituto (e a sua dedicação a ações de extensão, considerando a carga horária alocada para tais atividades).

Para a caracterização do conjunto dos projetos desenvolvidos no INU no período de interesse, levantamos o título, o objetivo geral, a população-alvo, o ano de início; a duração do projeto em anos até 2014 e sua situação (ativo/encerrado) naquele ano. Ainda para a caracterização dos projetos, utilizamos as categorias adotadas na avaliação da extensão universitária, proposta pelo FORPROEX⁷ e que estão presentes nos formulários de cadastramento dos projetos de extensão e seus relatórios anuais utilizados na UERJ. São elas: área temática de Extensão (principal e secundária), palavras-chave, abrangência

geográfica, parcerias internas e externas, situação curricular (que, num sentido restrito, é o conjunto de matérias a serem ministradas em determinado curso ou grau de ensino e, num sentido mais amplo, abrange todas as atividades desenvolvidas na instituição ou escola), equipe do projeto (número de docentes, funcionários técnico administrativos, alunos de graduação e de pós-graduação e membros da comunidade envolvidos).

Para a categoria de análise área temática, consideramos aquelas adotadas desde o Plano Nacional de Extensão aprovado pelo FORPROEX em 1998 e reiteradas como um dos eixos orientadores das ações extensionistas.⁸ Elas sistematizam as ações de Extensão Universitária em oito áreas consideradas, à época, prioritárias para as políticas sociais e que guardam relação com as Áreas do Conhecimento propostas pelo CNPq. São elas: Comunicação, Cultura, Direitos Humanos e Justiça, Educação, Meio Ambiente, Saúde, Tecnologia e Produção, e Trabalho.

Para localizar as fontes iniciais de pesquisa e os documentos, selecionamos como locais de busca o Arquivo Inativo do INU, os acervos dos departamentos que compõem o INU, o Departamento de Extensão/SR3, o Centro de Memória da Faculdade de Enfermagem e o Núcleo de Memória, Informação e Documentação (MID) da UERJ. Para realizar a consulta aos cadastros e relatórios dos anos de 2010 até 2014 e arquivados na íntegra no SIEXT bem como às planilhas contendo os dados dos projetos de 2005 até 2010, solicitamos aos coordenadores dos projetos de extensão do INU sua autorização para acesso aos documentos através da assinatura do Termo de Autorização para Acesso aos Relatórios de Extensão e solicitamos autorização do DEPEXT/SR-3 para acesso ao SIEXT e às planilhas.

Adotou-se como referencial teórico a Política Nacional de Extensão Universitária proposta pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras.³

Resultados e Discussão

De 1990 a 2014, foram identificados 73 projetos de extensão desenvolvidos no INU. Neste período, pode-se observar consistente aumento do número de projetos vigentes em cada ano. Enquanto, em 1990, eram três os projetos ativos, em 2014 esse número chegou 26 projetos (Figura 1). Quanto ao número de projetos iniciados por ano, estes acompanham a evolução do número de projetos vigentes nos anos 1990. No período posterior, à medida que alguns projetos se consolidam e se mantiveram ativos, o número de novos projetos a cada ano deixou de acompanhar essa tendência.

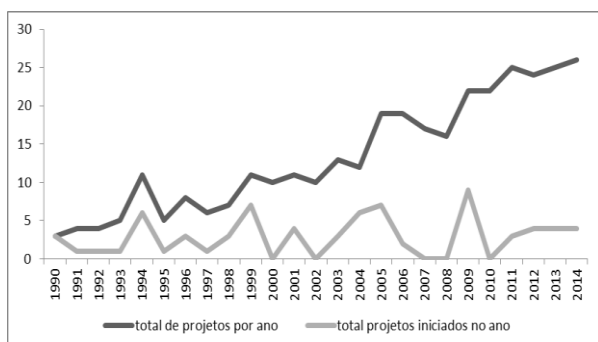


Figura 1. Evolução do número de projetos de extensão do Instituto de Nutrição da UERJ vigentes e iniciados por ano no período de 1990-2014.

Dos projetos identificados, dois terços (66%) já estão encerrados. Desses, 81% se encerraram nos primeiros cinco anos de atividade, sendo que mais da metade se encerrou nos primeiros dois anos de atividade (54%). Por outro lado, seis (24%) dos 25 projetos em atividade estão ativos há pelo menos dez anos (Tabela 1).

Duração (em anos)	Número de projetos		
	Total	Ativos	Encerrados
1	22	3	19
2	10	3	7
3	9	4	5
4	6	1	5
5	4	0	4
6	6	6	0
7	2	1	1

8	2	0	2
9	1	1	0
10	4	2	2
11	4	1	3
17	1	1	0
21	1	1	0
25	1	1	0
Total	73	25	48

Tabela 1. Distribuição do tempo de duração (em anos) dos projetos de extensão desenvolvidos no Instituto de Nutrição-UERJ no período de 1990 a 2014, segundo situação (ativo/encerrado) em 2014.

O tempo de duração de um projeto depende de vários fatores, entre eles: sua natureza e propósito; mudanças no contexto em que está inserido, tornando-o superado ou inviável; permanência ou não do coordenador do projeto no corpo docente da UERJ, entre outros. No período estudado, foram desenvolvidos projetos que tinham objetivos bastante pontuais e que eram encerrados quando esses eram atingidos. Por outro lado, a característica comum aos três projetos mais longevos (com 17, 21 e 25 anos de atividade) é estarem articulados à formação curricular em Nutrição.

Outro aspecto a ser comentado com base na análise da trajetória individual dos projetos é o fato de que oito projetos (que, até 2014, tinham duração de 4 a 25 anos), mudaram de título ao longo de sua existência. Isto ocorreu para atender a mudanças nos objetivos, no escopo, no enfoque ou no local de atuação do projeto e refletem a dinâmica de atuação das equipes, que renovam seu olhar sobre a temática do projeto e/ ou precisam se adequar a novas realidades que surgem no desenvolvimento das ações propostas. Um exemplo é o projeto que foi iniciado em 1994 com o título “Nutrição na terceira idade” e que, em 2014, se chamava “Alimentação, Nutrição e Envelhecimento”.

O aumento do envolvimento com a Extensão também pode ser observado na carga horária semanal alocada pelos docentes em atividades extensionistas.⁹ O percentual médio de carga horária semanal alocada, que era de 6,8% em 1992, passou para mais de

14,0% ao final do período estudado. Isso pode ser explicado, ao menos em parte, pelo aumento de professores efetivos com contrato de 40 horas semanais neste período, permitindo a alocação de carga horária em atividades de extensão. Outro fato que ajuda a entender esse achado foi a regulamentação da alocação da carga horária em extensão, por meio da Ordem de Serviço 004/SR-3/2003, de 21/08/2003, que estabeleceu, entre outros, a alocação de carga horária de extensão no Planejamento Individual (PLANIND) de coordenadores e membros de equipe.

Cabe observar, ainda, que esse aumento se deu simultaneamente ao processo de qualificação do corpo docente do Instituto de Nutrição (17,4% eram doutores em 2002 enquanto que 70,9% tinham esse título em 2014) e de implantação, nesta unidade acadêmica, do Programa de Pós-Graduação em Alimentação Nutrição e Saúde, iniciado em 2008 (mestrado) e ampliado em 2010 (doutorado), o que se traduziu em maior carga horária alocada em pesquisa e ensino de pós-graduação.

Em 2014, dos então 55 docentes efetivos do Instituto de Nutrição, 26 eram coordenadores de projetos de extensão e foram registradas 78 participações nos projetos existentes, o que indica que parte dos docentes estava inserida em mais de um projeto de extensão⁸, reforçando a constatação da consolidação da prática extensionista no Instituto de Nutrição no período estudado.

Em relação às áreas temáticas (AT) estabelecidas pelo FORPROEX⁷, dos 73 projetos identificados no Instituto de Nutrição, 29 não dispunham dessa informação. Esta ausência justifica-se pelo fato de que ela não era solicitada nos formulários de relatório e cadastramento utilizados até 2001. Dos 44 projetos que dispunham dessa informação, 40 deles indicaram também AT secundária. Saúde foi apontada como AT principal em 41 e como AT secundária em dois deles. Já Educação foi apontada como principal em um e como secundária em 31 deles. Ou seja, das 84 citações de AT, 75 (89,3%) se referiram a essas duas. Depreende-se, portanto, que, em sua história, o perfil dos projetos de extensão universitária do Instituto de Nutrição no tocante às AT tem sido, basicamente, de saúde articulada com educação, que são focos tradicionais de atuação da extensão⁸. Esse perfil converge com o campo de atuação da unidade acadêmica

onde esses projetos estão inseridos, o Instituto de Nutrição, que tem em seus pilares a educação e a saúde. Observamos ainda, que os projetos de extensão do INU estão inseridos em duas das linhas prioritárias definidas pela Política Nacional de Extensão Universitária, em 2012.³ São elas: “Melhoria da saúde e da qualidade de vida da população brasileira” e “Formação de mão-de-obra, qualificação para o trabalho, reorientação profissional e capacitação de gestores públicos”. Outras AT citadas foram: Tecnologia e Produção (três citações, sendo duas como AT secundária), Trabalho (três citações, todas como AT secundária), Meio Ambiente (duas citações, sendo uma como AT secundária) e Comunicação (uma citação como AT secundária).

A análise das palavras-chave foi realizada com base em 135 citações de 101 palavras ou termos referidos nos 45 projetos que dispunham dessa informação. Assim como a informação de AT, até 2001, o formulário de relatório e cadastramento não solicitava esta informação. As palavras-chave foram reunidas por convergência temática nos seguintes grupos: Alimentação, nutrição e segurança alimentar e nutricional; Agravos e condições nutricionais; Educação/ formação; Cuidado em alimentação, nutrição e saúde; Saúde, promoção da saúde, prevenção; Grupos populacionais específicos; Alimentação coletiva; Segurança e regulação de alimentos; Avaliação nutricional, vigilância nutricional, vigilância em saúde; Alimentação e nutrição na infância; Nutrientes e alimentos; Tecnologias; Palavras-chave não agrupadas. Das 135 citações, 1/3 (n=45) se concentrou nas 11 seguintes palavras, que foram citadas pelo menos duas vezes: nutrição; saúde; alimentação, educação em saúde; doença renal crônica, educação nutricional, segurança alimentar e nutricional, adolescente; aleitamento materno, crianças, saúde da família, vigilância em saúde. O restante das citações (2/3 das 135) se distribuiu nas 90 palavras-chave que foram citadas somente uma vez. O Quadro 1 apresenta a sistematização desse agrupamento.

Grupo ^a e palavra-chave	Número de Citações
Alimentação, nutrição e SAN	20
nutrição	12
alimentação	4
SAN	3

alimentação e nutrição	1
Agravos e condições nutricionais	19
DRC	3
anemia e/ou doença falciforme; anorexia nervosa; aterosclerose; bulimia nervosa; câncer; câncer ocupacional; desnutrição; diabetes mellitus; doença falciforme; excesso de gordura corporal; linfoma; nutrição na doença falciforme; obesidade; obesidade infantil; saúde óssea; transtorno de compulsão alimentar ^b	1
Educação/ Formação	14
educação em saúde	4
educação nutricional	3
ação educativa; capacitação; educação; ensino; formação em saúde; práticas educativas; promoção da alimentação saudável nas escolas ^b	1
Cuidado em alimentação, nutrição e saúde	12
adesão ao tratamento; ambulatório; assistência nutricional; atendimento ambulatorial; atendimento dietético; atendimento nutricional; cuidado em nutrição; dieta hipoprotéica e hipossódica; dieta restrita proteína; orientação nutricional; satisfação do usuário; tratamento dietoterápico ^b	1
Saúde, promoção da saúde, prevenção	12
Saúde	6
saúde da família	2
prevenção; promoção da saúde; saúde coletiva; saúde pública ^b	1
Grupos populacionais específicos	11
crianças; adolescente ^c	2
atletas; exposição ocupacional; gestantes; nutrição materno-infantil; nutrízes; saúde do trabalhador; terceira idade ^b	1
Alimentação coletiva	7
alimentação coletiva; APPCC; boas práticas; qualidade; produção de alimentos; produção de refeições; serviços de alimentação ^b	1
Segurança e regulação de alimentos	7
condições higiênico-sanitárias; contaminação alimentar; doenças transmitidas por alimentos; higiene de alimentos; inocuidade de alimentos; rotulagem de alimentos; vigilância sanitária de alimentos ^b	1
Avaliação nutricional, vigilância nutricional, vigilância em saúde	6

antropometria; avaliação nutricional; sistema de vigilância alimentar e nutricional; vigilância alimentar e nutricional ^b	1
vigilância em saúde	2
Alimentação e nutrição na infância	6
aleitamento materno	2
alimentação complementar; alimentação escolar; banco de leite humano; creche ^b	1
Nutrientes e alimentos	5
alimentos sustentáveis; bromatologia; cálcio e vitamina D; diet; light ^b	1
Tecnologias	4
informática; inovação tecnológica; internet; TIC ^b	1
Palavras-chave não agrupadas	12
ambiente; aproveitamento integral dos alimentos; epidemiologia; geração de renda familiar; gestão; hortas comunitárias; observatório; políticas públicas de alimentação e nutrição; qualidade de vida; REANE; situação socioeconômica; turismo solidário ^b	1

Quadro 1. Palavras-chave identificadas nos projetos de extensão do Instituto de Nutrição desenvolvidos no período 1990-2014, agrupadas por convergência temática.

A análise da abrangência geográfica dos projetos (informação disponível para 68 dos 73 projetos analisados) aponta que, até 2004, 60% dos projetos tinham abrangência local, 20%, abrangência municipal e 20%, abrangência estadual e, ainda, que nenhum projeto apresentava abrangência regional, nacional ou internacional. Já na última década, esse perfil se altera profundamente: menos de 10% apresentavam abrangência local, mais de 40% apresentavam abrangência municipal, 30%, estadual e aproximadamente 18% apresentavam abrangência maior (regional, nacional ou internacional) (Tabela 2).

Essa mudança parece expressar não somente uma resposta do INU à política de interiorização da UERJ desenvolvida ao longo da década dos anos 1990 e que se consolidou nas décadas seguintes, mas também um amadurecimento do Instituto de Nutrição na concretização de sua ação extensionista. Aqui cabe destacar o projeto DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde, que foi o único projeto que se autotransformou com sendo de abrangência internacional. Por ser uma revista eletrônica e

bilíngue, pode ser acessada no mundo todo. Outro projeto que merece ser comentado é aquele intitulado “O Nutricionista no programa TELESSAÚDE”. Ele direciona a maioria de suas atividades para a formação continuada de profissionais que atuam nos municípios do estado do Rio, e, por isso, se autocalificou como de abrangência estadual. No entanto, por usar tecnologias da informação e comunicação baseadas em sistemas de informação e redes de computadores, tem tido seus produtos (cursos à distância, mesas redondas, entre outros) acessados por profissionais de outros estados e, também, de outros países de língua portuguesa. Desta forma, ele tem, na prática, abrangência nacional e internacional.

Categorias	1990-2004 (n=40)		2005-2014 (n=33)		Total (n=73)	
	n	% ^a	n	% ^a	n	% ^a
Abrangência geográfica						
Local	21	60,0	3	9,1	24	35,3
Municipal	7	20,0	14	42,4	21	30,9
Estadual	6	17,1	10	30,3	16	23,5
Regional	1	2,9	3	9,1	4	5,9
Nacional	0	0,0	2	6,1	2	2,9
Internacional	0	0,0	1	3,0	1	1,5
Sem informação	5		0		5	
Parcerias Internas^b (%)						
Sim	18	75,0	19	95,0	37	84,1
Não	6	25,0	1	5,0	7	15,9
Sem informação	16		13		29	
Tipo de parcerias entre aqueles que as faziam						
Somente área de saúde	9	50,0	11	57,9	20	54,1
Somente outras áreas ou setores	8	44,4	4	21,1	12	32,4
Área de saúde e outras áreas ou setores ^c	1	5,6	4	21,1	5	13,5
Parcerias externas						
Sim	19	57,6	19	59,4	38	58,5
Não	14	42,4	13	40,6	27	41,5
Sem informação	7		1		8	

Tipo de instituição entre as parcerias externas estabelecidas

Pública	12	63,2	16	84,2	28	73,7
Sociedade civil	5	26,3	2	10,5	7	18,4
Privada	1	5,3	0	0,0	1	2,6
Pública e sociedade civil	1	5,3	1	5,3	2	5,3

Tabela 2. Distribuição dos projetos desenvolvidos no Instituto de Nutrição da UERJ de 1990 a 2014 segundo abrangência geográfica e parcerias estabelecidas por período de início.

Quanto às parcerias estabelecidas pelos projetos, pudemos observar que predominam aquelas com outras unidades acadêmicas e com instituições externas à universidade, sendo pouco frequentes e mais recentes as parcerias tanto entre os departamentos que compõem o Instituto de Nutrição quanto entre os projetos coordenados por essa unidade acadêmica. Em relação às parcerias internas à UERJ, observa-se um aumento dessa prática nos dois períodos examinados (de 75% para 95%). É notória a predominância de parcerias exclusivamente com unidades acadêmicas e setores da área da saúde em ambos os períodos (50% e 57,9%, respectivamente), merecendo também destaque o aumento de parcerias com essa área em articulação com outras áreas e setores (de 5,6% para 21,1%). Destacam-se aquelas estabelecidas com a Faculdade de Ciências Médicas (FCM) e seus departamentos e o Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE), especialmente com seus serviços hospitalares e ambulatórios. Também foram identificadas parcerias com outras unidades que compõem a “Área da Saúde”, como a Faculdade de Enfermagem (FENF), Faculdade de Odontologia (FO) e a Policlínica Piquet Carneiro (PPC).

Com relação às parcerias externas (Tabela 2), estas foram registradas em 38 (58%) dos 65 projetos que dispunham dessa informação. Pode-se observar que, por vezes foram estabelecidas parcerias com mais de uma instituição. Nos dois períodos analisados, predominam as parcerias estabelecidas exclusivamente com outras instituições públicas (63,2% e 84,2% respectivamente), instituições estas que, por vezes, se relacionavam (ou ainda se relacionam) com mais de um projeto. Ao longo de todo o período de estudo, identificamos também sete projetos que estabeleceram parcerias somente com

movimentos sociais organizados, dois, com instituição pública em articulação com movimentos sociais e um, com instituição privada.

Parcerias internas e externas são desejáveis pela interdisciplinaridade e interprofissionalidade que promovem, pela diversidade de ideias e de propostas que potencializam o enriquecimento do projeto e suas ações, e também porque consideram a complexidade inerente às comunidades, trazendo soluções diferenciadas no que tange ao trabalho comunitário, aumentando sua efetividade.^{3,7}

Dos 73 projetos identificados, 11 (15%) não informaram se eram ou não curriculares. Dos 62 projetos que dispunham dessa informação, 58 (93,5%) registraram que não eram curriculares, isto é, não faziam parte do currículo ou das disciplinas que compõem o currículo de Nutrição, e quatro (6,5%) disseram serem curriculares. Dois deles, desde sua criação (1990 e 1994) até o momento da realização desse estudo, eram campos de estágio para estudantes matriculados nas disciplinas “Estágio Supervisionado de Nutrição em Saúde Coletiva” (projeto Alimentação, Nutrição e Envelhecimento) e “Internato em Saúde Coletiva” (projeto Internato de Nutrição em Saúde Coletiva). Os outros dois também foram campos de estágio: Educação Nutricional em Puericultura - Uma parceria INU/DNS/PPC/UERJ, iniciado em 1978, e ainda ativo, foi campo de estágio para a disciplina “Estágio Supervisionado de Nutrição em Saúde Coletiva” até 2010; e Internato Multidisciplinar em Vigilância Sanitária: Alimentos e Nutrição (IMVISA), iniciado em 2009, tendo sido campo de estágio para a disciplina “Internato em Segurança e Ciência dos Alimentos” e já está encerrado. Cabe comentar que os três primeiros projetos mencionados são os mais longevos do Instituto de Nutrição e foram concebidos com a intenção de criar campos de estágio curricular, em conformidade com a proposta contida no I Congresso Interno da UERJ, realizado em 1984.¹⁰

Compartilhamos do entendimento de que a Extensão Universitária é um processo acadêmico que viabiliza a flexibilização curricular, alterando a estrutura acadêmica, em geral muito rígida e conservadora, e favorece mudanças com base nas demandas da sociedade. Neste caso, o eixo pedagógico passa a ser aluno-professor-comunidade.² O fato de os projetos estarem vinculados ao processo de formação dos alunos faz dele o

protagonista de sua própria formação profissional, empenhado em obter as competências necessárias com sensibilidade para atender as demandas da comunidade, tornando-se responsável pela transformação social decorrente de suas ações.³

Nesse sentido chama atenção o fato de a grande maioria dos projetos de extensão do Instituto de Nutrição não ter envolvimento com o currículo nem mesmo por meio de experiências e vivências que pudessem se articular com atividades de ensino no âmbito das disciplinas. Porém, algumas interfaces da Extensão Universitária com o Ensino já vêm sendo realizadas, conforme pudemos observar nos relatórios e por relatos das entrevistas. São exemplos disso: a disciplina de Educação Nutricional, que convida bolsistas de projetos de extensão para falar sobre as ações educativas que desenvolvem nesses projetos, a disciplina de Nutrição Clínica em Pediatria, que também convida representantes de um projeto para falar sobre ele, e um projeto de Extensão que propôs e apoia a oferta da disciplina optativa “Alimentação e Nutrição em Creches e Escolas” no currículo do curso de graduação do Instituto de Nutrição. Mais recentemente, com a implantação do Trabalho de Conclusão de Curso no currículo de graduação de nutrição, está se iniciando a prática de desenvolvimento desse trabalho no âmbito de alguns projetos de extensão.

No tocante à equipe que compunha cada projeto, em todos eles havia a presença de estudantes de graduação, como bolsistas, alunos colaboradores. Cabe acrescentar que a participação em projetos de extensão pode ser contabilizada como horas para cumprimento das atividades complementares obrigatórias do curso de nutrição.

Já os servidores técnico-administrativos só passaram a compor a equipe de alguns projetos a partir de 2012. Desde então, cinco deles contam com estes profissionais na sua equipe, em sua maioria nutricionistas, que participam de projetos voltados para a área clínica, ou em alimentação coletiva, no Restaurante Universitário.

A Política Nacional de Extensão Universitária (2012)³ sugere que os estudantes de pós-graduação façam parte da equipe de projetos e ações extensionistas, já que é desejável que estas atividades sejam incorporadas aos programas de mestrado, doutorado ou especialização, qualificando-as. Com base na leitura dos relatórios anuais dos projetos, verificamos que alguns deles envolvem (ou envolveram) alunos de mestrado e doutorado

do PPGANS, com a finalidade de desenvolver seus projetos de dissertação ou de tese, demonstrando que há um início de interlocução entre a pós-graduação e a extensão universitária.

A participação da comunidade externa na equipe dos projetos de extensão ainda é pequena. Esta participação, além de desejável, possibilita, em tese, a participação da comunidade nas etapas de elaboração, desenvolvimento e avaliação da ação extensionista.

A articulação com ensino e pesquisa foi assinalada em 100% dos relatórios anuais analisados. No entanto, não temos informações para 26 (35,6%) dos 73 projetos, principalmente os iniciados na década de 1990. Em alguns dos projetos estudados, observamos, em seus relatórios anuais, a associação com projetos de pesquisa numa relação bem estabelecida com a extensão, conforme já relatado. No entanto, as relações com o ensino são pouco citadas. As relações ensino-pesquisa-extensão se apoiam no artigo 207 da Constituição Brasileira de 1988, que dispõe que “as universidades [...] obedecerão ao princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão”. No entanto, a literatura aponta que o que é cotidiano são as relações duais como ensino - pesquisa, voltadas para a tecnologia e o conhecimento científico; ensino - extensão, voltadas para a formação pautada nos problemas sociais; e extensão - pesquisa, pautada pela exclusão do ensino, com perda do aspecto formativo, essencial no papel da universidade.¹¹

Conclusão

A prática extensionista no Instituto de Nutrição se consolidou no período estudado, apresenta uma clara identidade em termos de trajetória de temas de interesse e perfil de parcerias estabelecidas e revela um dinamismo, na medida em que, com o decorrer do tempo, mais projetos foram realizados, novos temas passaram a ser objeto de interesse e o perfil de abrangência geográfica se modificou.

A trajetória da extensão no Instituto de Nutrição e as características atuais dessa prática permitem identificar desafios e possibilidades de caminhos para o seu desenvolvimento futuro. O primeiro grande desafio, que está posto para todas as

universidades e, por consequência, também para o Instituto de Nutrição, é avançar na inserção da extensão universitária nos projetos pedagógicos do curso de graduação. A Carta de João Pessoa, lançada no 38º Encontro Nacional do FORPROEX, ocorrida em 2015¹², reitera a necessidade dessa inclusão e sugere que 10% da carga horária total dos currículos de graduação sejam destinados à extensão, em consonância com o Plano Nacional de Educação (PNE).¹³

O segundo desafio, que complementa esse primeiro, consiste em traduzir na prática, por meio de diferentes processos de trabalho, o princípio da indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão. Um passo fundamental para isso é ampliar a relação entre extensão e pós-graduação.

Um terceiro desafio é a ampliação do escopo de parcerias na perspectiva de serem envolvidos nos projetos, de maneira mais orgânica, coletivos e entidades da sociedade civil (no caso das parcerias externas) e unidades e setores da universidade outros que não da área da saúde. Esse envolvimento é imprescindível para o amadurecimento e pleno desenvolvimento da prática extensionista. Internamente, fica clara a necessidade de se aprofundar a integração entre os departamentos e os núcleos do INU: o exercício da interdisciplinaridade entre as áreas de alimentação e nutrição se expressa em uma parcela ainda não majoritária dos projetos.

Oportunidades devem ser aproveitadas e caminhos devem ser percorridos coletivamente no sentido da superação desses obstáculos. Algumas pistas nessa direção podem ser apontadas: criar espaços de debate e de troca de experiências entre as equipes dos diferentes projetos; fomentar a criação de programas de extensão universitária que articulem projetos de diferentes unidades acadêmicas; identificar coletivamente questões de alimentação e nutrição que sejam relevantes socialmente e que tenham alto potencial para a prática interdisciplinar e para a convergência de agendas e por fim investir nos Trabalhos de Conclusão de Curso como um espaço estratégico para o diálogo entre ensino, pesquisa e extensão.

Referências

- 1- CASTRO, Luciana Maria Cerqueira. A universidade, a extensão universitária e a produção de conhecimentos emancipadores (ainda existem utopias realistas). 2004. 195 f Tese (Doutorado em enfermagem) - Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ, Rio de Janeiro, 2004.
- 2- NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel. Políticas de extensão universitária brasileira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. 135 p.
- 3-_____. Política Nacional de Extensão universitária. Manaus-AM, 2012. 40 p.
- 4- UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Data UERJ 2015: anuário estatístico base de dados 2014. Rio de Janeiro: UERJ, 2015. 420 p.
- 5- SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D; GUINDANI, J.F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais. Ano I Número I, Julho de 2009. Disponível em:<www.rbhcs.com>. Acesso em: 15 de jul. 2013.
- 6- CELLARD André. A análise documental. In: POUPART, Jean et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- 7- FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. Avaliação Nacional da Extensão Universitária. Brasília: MEC/SESu; Paraná: UFPR; Ilhéus, BA: UESC, 2001. 98 p. (Coleção Extensão Universitária; v.3).
- 8-_____. Extensão Universitária: organização e sistematização. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Edison José Corrêa (org.). Coordenação Nacional do FORPROEX. Belo Horizonte: Coopmed, 2007. 112p.

9- UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. Data UERJ 2015: anuário estatístico base de dados 2014. Rio de Janeiro: UERJ, 2015. 420 p.

10- CONGRESSO INTERNO DA UERJ, 1, 1984. Resoluções. Rio de Janeiro, 1984.

11- MOITA, F. M. G. S. C.; ANDRADE, F. C. B.. Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação. Revista Brasileira de Educação, v. 14, p. 269-280, 2009.

12- FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS.. XXXVIII Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras. Carta de João Pessoa, PB , 2015.

13- BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm. Arquivo capturado em 27 de out. 2015.